

# DIÁLOGOS EDUCATIVOS NO ZARATUSTRA NIETZSCHIANO

Anderson Luiz Tedesco\*

“Eu trago para os homens um novo amor e um novo desprezo – o além-do-homem e o último-homem.” (KGW, VI/4, 1991, p. 11).

## Resumo

Este artigo é uma reflexão, obviamente incompleta, sobre o diagnóstico apontado nos escritos de Nietzsche acerca da cultura decadente; colocando-se, assim, como um ferrenho crítico a essa cultura, a ponto de considerá-la *niilista*. Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico, com o objetivo de refletir além das mordazes críticas proferidas pelo filósofo das Sils – Maria à cultura decadente. Mas, também, perspectiva como possibilidade a essa condição *niilista*, uma educação dos espíritos livres, para se constituírem no Além do Homem – no *Übermensch*.<sup>1</sup> Conclui-se, então, que a saga do *Übermensch* se aflora na obra “Assim falava Zaratustra”, em especial no prólogo, pois é pela boca de Zaratustra que Nietzsche professa suas mais contundentes críticas à cultura em decadência, mas também apresenta diálogos educativos na constituição do ser autêntico de si próprio.

Palavras-chave: Cultura. Educação. Nietzsche. *Übermensch*.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta investigação, em seu constructo teórico, caracteriza-se na identificação de possíveis razões que constituíram uma educação nos diálogos do personagem Zaratustra. Acredita-se, assim, na possibilidade de constituir uma tese original, demonstrando, via argumentação, serem educativos os ensinamentos de Zaratustra à formação dos espíritos livres. Logo, essa proposição investigativa trará novo estofamento às discussões nietzschianas no campo filosófico. Entende-se como um dos porquês dessa investigação, a constituição de uma compreensão crítica acerca da cultura considerada como decadente no pensamento de Nietzsche. Mas, também se espera com o estudo enquanto conveniência perspetivar caminhos de uma educabilidade humana na formação da cultura ocidental, pois se acredita que tenha implicações diretas com a constituição da ética e da política nas relações da autêntica vivência humana dos espíritos livres.

## 2 ZARATUSTRA: O CRÍTICO DA CULTURA DECADENTE

De acordo com o prólogo da obra “Assim falava Zaratustra”, de Friedrich Nietzsche, essa proposta investigativa se constitui na construção de argumentos acerca da educabilidade humana oriunda nos ensinamentos do personagem Zaratustra. Por conseguinte, é importante ressaltar o que Lebrun (1983, p. 40) descreveu em seu texto “Por que ler Nietzsche, hoje?”, em sua obra “Passeios ao léu”:

É possível que tenha, chegado a hora de bons leitores. Nietzsche terminou de atravessar o seu “inferno” póstumo [...] Acredito que agora os nossos amigos alemães possam encontrar nele, sem reticências, o seu segundo Goethe – e “nós outros, bons europeus”, o nosso segundo Aristóteles.

---

\* Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Rua Dirceu Giordani, 696, Jardim Tarumã, 89820000, Xanxerê, SC; andersonunoesc@hotmail.com.

O autor, de uma maneira muito clara em seu texto, tenta abrir os olhos daqueles que interpretaram Nietzsche de forma errônea, para que assim, haja novos leitores do filósofo, e que sejam eles, bons leitores, porque o autor de Zaratustra prefere leitores que o leiam de maneira muito atenta, a leitores entusiastas. Desse modo, serão constituídos alguns diálogos na perspectiva da educabilidade humana nos ensinamentos do personagem Zaratustra.

## 2.1 DIÁLOGO COM A SOLIDÃO

Zaratustra estava com seus 30 anos quando tomou a decisão que mudaria por completo a sua vida. “Ele decidiu deixar sua terra natal e o lago de sua pátria. Para quê? Para ir morar às montanhas.” (NIETZSCHE, 1998, p. 9). O que esse personagem quer transmitir? Em outros termos, Nietzsche, com muita sutileza aponta algo grandioso nas pessoas, isto é, a busca por novos olhares em lugares distintos. Ora, a solidão transformou o espírito de Zaratustra como se uma nova aurora tivesse surgido e, por incrível que pareça entre os anos 1879 a 1881, ou seja, antes do surgimento do Zaratustra, tornava-se pública a fabulosa obra de Nietzsche com o nome de Aurora. Ao lê-la, percebe-se Zaratustra falando nela:

Para a educação nova do gênero humano – vamos gentes compassivas e de boa vontade, uma tarefa espera-vos: libertar o mundo do conceito de punição que o infestou completamente. Não existe pior infecção. Não somente colocamos este conceito na consequência dos nossos actos – e contudo, que loucura, que monstruosidade há já em considerar o efeito como causa e punição! – mas fizemos mais, graças à infame sofistica do conceito de punição, arrancamos toda pura contingência do futuro. Este *frenesim* leva-nos mesmo ao ponto de nos obrigarmos a experimentar a existência como punição – dir-se-ia que a educação da humanidade foi até o presente dirigida pela imaginação desregrada de carcereiros e de carrascos! (NIETZSCHE, 1983, p. 16).

Convém lembrar o quão importante tornou-se a solidão na constituição de um pensamento perspicaz em Zaratustra para a formulação de suas críticas contundentes à cultura decadente. Segundo Nietzsche (1983, p. 220), “[...] eis porque vou à solidão, – para não beber das cisternas comuns.” Aqui encontram-se as mordazes críticas ao Cristianismo que infectou a cultura ocidental com a ideia de punição. Por conseguinte, a afirmação do filósofo “[...] tenho então necessidade do deserto para retornar novamente bem.” Portanto, na compreensão nietzschiana “[...] para a educação – pouco a pouco faz-se em mim, luz sobre o defeito mais espalhado do nosso tipo de formação e de educação: ninguém aprende, ninguém aspira, ninguém ensina – a suportar a solidão,” (NIETZSCHE, 1983, p. 204) a encontrar-se consigo mesmo ao compreender-se, ao criar-se. A partir do processo formativo da solidão, constitui-se a experiência do deserto, o encontrar-se consigo mesmo, em suma, o revisar-se é de extrema importância na formação humana, algo que a cultura decadente e as pedagogias do fazer não suportariam, pois perderiam sua utilidade metódica e comprometeriam seus processos de ensino e aprendizagem por deixarem de ter uma lógica linear. Assim, a solidão é um dos caminhos da autêntica formação humana. Por isso, a montanha torna-se o lar da solidão, ela é o lugar da experiência profunda de si, da resignificação de si.

Para tal propósito, Zaratustra ficou 10 anos nas montanhas, sua nova morada. Nesse período desfrutou ao máximo de sua solidão, até o dia em que questionou o sol “Ó grande astro! Qual seria tua felicidade, se não tivesses aqueles a quem alumias?” (NIETZSCHE, 1998, p. 9). De toda sorte, essa analogia com o sol sugere pensar em Zaratustra, saturado de tanta sapiência, como se fosse uma abelha que, por ter trabalhado demais, “muito mel acumulou” (NIETZSCHE, 1998, p. 9). Semelhante ao sol quando encontra a quem iluminar, ou à colmeia ao ter seu mel retirado e distribuído, a felicidade para Zaratustra é esvaziar sua sapiência com os humanos. Quando o personagem subiu às montanhas, passou por um bosque e é provável que, ao sair das montanhas, fez este percurso para ir ao encontro da multidão, e, assim, anunciar-lhes a vinda do *Übermensch*. Esse retorno aconteceu 10 anos mais tarde e, tendo vivido esse tempo todo nas montanhas, Zaratustra, obviamente, não era mais o mesmo; estava mudado. Dentro dele havia vida, fogo, e ele queria incendiar a todos de quem fosse se aproximar.

## 2.2 DIÁLOGO COM O SANTO

O diálogo com o santo, por que isso é importante destacar? Para compreender melhor, agora, a conversa que Zaratustra tem com um santo que mora naquele bosque por onde passou. O santo, ao ver Zaratustra passar pelo bosque, o reconhece e o questiona dizendo que ele não lhe é um viajante estranho, que já o vira antes, porém, agora estava mudado. Ao falar com Zaratustra, o santo lhe diz: “[...] tu passaste há dez anos por aqui.” (NIETZSCHE, 1998, p. 10). Contudo, o santo, como dito, percebeu uma terrível mudança em Zaratustra, a solidão lhe havia feito muito bem, pensou ele. Zaratustra, que era substrato sem fogo quando subiu às montanhas, agora trazia consigo uma chama incommensurável em seu peito, que certamente ao tocar quem quer que fosse, seriam estes queimados pelo fogo da verdade.

Zaratustra estava mudado; como já dito, seu peito ardia em chamas, trazia conhecimento dentro de si, uma sapiência que visava contribuir para o esfacelamento das visões metafísicas de mundo. Em outros termos, pensa-se em uma dada forma de conhecimento que é distinto do habitual, isto é, que vai além dos princípios que fundamentam os sistemas filosóficos, valorizando, desse modo, a diversidade como forma de ver o mundo, conhecida como perspectivismo. Por isso, o santo hesita tanto em não querer que Zaratustra visite os humanos, pois este tem consigo o poder de refletir sobre os fundamentos acreditados pelos indivíduos.

Após ter ouvido todo o discurso do santo, Zaratustra fala de seu amor pelos humanos (NIETZSCHE, 1998). Entretanto, Zaratustra não entendia o fato de o santo morar na floresta. Este, então, esclarece ao personagem que lá morava para não amar os seres humanos e sim a Deus, por este ser completo, e não um mero mortal cheio de defeitos, pois certamente aqueles que amam algo incompleto perecem juntos.

Zaratustra não se abala com a maneira de pensar e viver desse santo, pelo contrário, relata a ele que sua intenção é levar um presente aos mortais. O santo, inquieto, retruca Zaratustra de que não deveria oferecer nada aos pobres mortais, pois não mereceriam coisa alguma. Segundo ele, se fosse possível, deveria sempre tirar o que possuíam os mortais, para que estes sofressem de fato: “E, se lhes quiseres dar algo, pois não lhes dêes mais que uma esmola, e, ainda assim, deixa que eles te a peçam!” (NIETZSCHE, 1998, p. 11). Essa ideia fez com que Zaratustra explodisse por dentro e refletisse a respeito do presente que ele iria oferecer aos seres humanos, não sendo esmola, pois não é simplesmente paupérrimo para isso. O santo, ao saber do propósito de Zaratustra, lhe diz:

Eles desconfiam dos eremitas e não acreditam que nós venhamos para oferecer. Os nossos passos, pelas ruas, soam-lhes como demasiado solitários. E tal como de noite, nas suas camas, ao ouvirem um homem a andar, muito antes de nascer o Sol, pois perguntam com certeza a si próprios: “Para onde vai o ladrão?” (NIETZSCHE, 1998, p. 11).

Ora, ao dizer isso, o santo implora para que Zaratustra fique com ele no bosque e Zaratustra, ao ouvir essa proposta, o questiona. Por que deveria morar com ele? O que faria ali? O santo lhe diz que faz de sua vivência no bosque uma vida de canções, de louvores a Deus, àquele que o deixa completo, pois Ele é perfeito.

Ao ouvir essas palavras do santo, Zaratustra despediu-se e seguiu seu caminho rumo aos mortais. Contudo, em seu íntimo, não se calava a questão: como é possível esse santo amar a Deus? Nietzsche mostra por meio de Zaratustra a sua não conformação com a ideia do santo de adorar a Deus. “O evangelho *morreu* na cruz”, pensava Zaratustra (NIETZSCHE, 2007, p. 45), por isso não há por que sustentar uma moral que caiu por terra. Agora é hora de uma nova moral, que é proposta pelo profeta para nós, os espíritos livres, os quais aguardam com ansiedade a chegada do *Übermensch*. Então, tal Deus está morto, e se está morto não há por que amar alguém que não existe. Qual seria o valor a apreender de algo sem vida? Certamente, nenhum valor haverá nisso e é por isso que Zaratustra não vê a hora de chegar à cidade, porque ele sabe que lá há vidas que devem ser amadas, mesmo que sejam espíritos de rebanho. É sua obrigação presentear-los com o conhecimento, para que assim se tornem verdadeiros espíritos livres. Para tanto, deve ensiná-los que Deus está morto, bem como estão mortos os valores que, a partir dele, foram erigidos.

Os valores representados pelo santo são, para o profeta, de ordem decadente, porque obedecem a um *tu deves*, isto é, não são verdadeiros naquilo que o indivíduo quer ou deseja. São valores que, se não cumpridos, geram peso na consciência e, portanto, causam ressentimento no ser humano, e se cumpridos, tem consequências drásticas, pois inviabilizam a vida. Esses valores, sob o olhar de Zaratustra, são impelidos por uma ótica de obrigação, por exemplo, a

justiça, a bondade, a concórdia, a paciência, entre outros. Todos demasiadamente cristãos e fundamentados em Deus e, portanto, frágeis no pensar de Zaratustra, pois não possibilitam o surgimento de espíritos livres, espíritos questionadores, os quais enfrentam o destino como fazem as crianças (MOURA, 2005).

Por isso, para que Nietzsche consiga apresentar seu apreço especial pelo *eterno retorno*, pela *vontade de potência* e pela *transmutação de todos os valores*, é necessário que seja, acima de tudo, o filósofo do “ateísmo”, como ele descreve em sua obra “A Gaia Ciência”:

O maior dos acontecimentos recentes – que ‘Deus está morto’, que a crença no Deus cristão caiu em descrédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Para os poucos, pelo menos, cujos olhos, cuja suspeita nos olhos é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, parece justamente que algum sol se pôs, que alguma velha, profunda confiança virou dúvida: para eles, nosso velho mundo há de aparecer dia a dia mais poente, mais desconfiado, mais alheio, mais velho. (NIETZSCHE, 1999, p. 211).

Com a morte de Deus, tem-se, então, a possibilidade do surgimento de novos valores, que Nietzsche chama de *transmutação dos valores*, o que realizaria na humanidade uma harmonia entre o seu mais puro querer e a sua obrigação de espírito livre, podendo, dessa forma, enfrentar o destino e tirar proveito de tudo, até daquilo que se entende como dor, afirmando sempre a vida como o que é de mais precioso.

## 2.3 DIÁLOGO COM O POVO

Zaratustra chega à cidade mais próxima onde o povo está reunido. Entretanto, essa reunião não é para recebê-lo e sim para receber um funâmbulo. É o momento oportuno para Zaratustra entrar em cena e é o que ele faz, apresentando-se ao povo na praça. É possível pensar no funâmbulo como o personagem esperado pelo povo, como se fosse um valor moral, que está enraizado na maneira de viver desses indivíduos, fazendo-os agir sem refletir sobre as ações do próprio querer, ou seja, obedecendo sempre a um “*tu debes*” e não a um “*eu quero*.”<sup>2</sup> Isto é, para Zaratustra, um complicador quando pretende reter a atenção do povo, pois estes já têm uma opinião fechada sobre as coisas da vida ou uma opinião dogmática sobre as ações do viver e não a querem mudar.

Zaratustra ganha a atenção do povo. Para quê? Para ensinar-lhes o valor sobre-humano, ou seja, “[...] o homem é algo que deve ser superado.” (NIETZSCHE, 1998, p. 12). Todo ser humano pode e deve criar algo que está além dele. Isso quer dizer que o ser humano é livre das garras dos velhos valores, que foram criados para oprimir sua humanidade, para assim poder controlá-lo com o sentimento de culpa, como apresentam os valores cristãos.

Esse ser humano sem Deus ou esse homem além do homem se apresenta como um guerreiro, como alguém que procura saber os valores que o circundam e se estes não lhe são opressores, pois o que está em jogo é o que há de mais precioso, é a vida, e com ela não se deve titubear. Deve-se ter consciência de como se vive, de como é o ser humano perante as teias do destino, da superação do homem ao realizar de maneira infinita em um tempo finito as ações que valorizam a vida, naquilo que Nietzsche chama de eterno retorno.

Zaratustra quer ensinar o sobre-humano, que é o sentido da terra: “Que a vossa vontade diga: seja sobre-humano o sentido da terra!” (NIETZSCHE, 1998, p. 13). Nietzsche desenvolve seu conceito de vontade, pensando nela como algo mais elementar nos seres vivos, sendo a vontade como a expressão máxima da vida, que busca saciar as necessidades básicas de toda a espécie viva e não uma vida para um *telos* pré-definidor do humano.

Pode-se, agora, pensar que a partir do momento em que Zaratustra anuncia para o ser humano ser fiel à terra, ele quer que este não creia em um mundo imaginário, em uma metafísica platônica, como o faz o Cristianismo, porque isso seria envenenamento do espírito com o veneno do rebanho. Para tanto, é necessário que o ser humano reflita sobre a sua maneira de agir, sendo importante rever alguns conceitos conhecidos, como aqueles que trazem a felicidade aos mortais. Mas na verdade, segundo Zaratustra, o ser humano vive na infelicidade, pois acredita na razão, na virtude, na justiça e na compaixão, termos demasiadamente cristãos, vivendo sobre o jugo de imperativos. Isso impede que o homem ame a terra, por amor a Deus (NIETZSCHE, 1998), esse imaginário controlador da vida.

Para Zaratustra, o ser humano deve ser vislumbrado não para um fim, e sim para um fim em si mesmo. Ele é a própria vida e a própria morte; assim, é uma obrigação de Zaratustra amar àqueles que vivem intensamente, dentro de um modo de viver despreendido dos conceitos institucionais e, portanto, decadentes, de certo e errado, de bem e de mal. Entendido isso como uma nova perspectiva, para além de todas as concepções filosóficas existentes depois de Platão, com o objetivo de superar toda e qualquer “[...] manifestação dualista, entre corpo e alma.” (NIETZSCHE, 1998, p. 14).

Zaratustra está convicto de que existem seres humanos cuja natureza obedece às ideias de Heráclito de que tudo está em movimento, de que a vida é um fluxo contínuo. Em outras palavras, os seres humanos estão em constante mudança em nível ontológico, quando o Ser se abre para as experiências do mundo em que vive e, assim, vai se construindo na existência, na pluralidade. Certamente, será uma sólida estruturação para a vinda do *Übermensch*, quando esses indivíduos tomarem consciência de que devem amar a terra. Isso os coloca em uma posição contrária à maneira de pensar platônica-cristã, que apresenta um mundo ideal, onde está o *Sumo Bem* que, para ser alcançado, exige um portar-se de maneira coerente, sem se desfrutar o fluxo da vida. Por isso Nietzsche (1988, p. 15) afirma:

Amo aqueles que não procuram, primeiro, por detrás da estrela uma razão para sucumbirem e se sacrificarem, mas que se sacrificam à terra, para que a terra venha, um dia, a ser do super-homem. Amo aquele que vive para saber e que quer saber, para que, um dia, o super-homem viva. E é assim que ele quer o seu próprio acaso.

Percebe-se pelos dizeres de Zaratustra, o quanto este quer que venha e se faça presente o *Übermensch*. Porém, para que isso seja possível, necessário que os espíritos de rebanho, ou seja, os indivíduos que vivem no dogmatismo da verdade, adquiram uma estrutura de espíritos livres das garras das instituições, quer sejam políticas, religiosas ou educativas. É preciso ser como a criança que questiona tudo com audácia sem ter medo das consequências do destino.

## 2.4 DIÁLOGO COM O FUNÂMBULO

Foi nesse momento de insatisfação que aconteceu algo inusitado que veio a interferir no anúncio do profeta. O funâmbulo, que servia para alegrar a multidão, começou o seu trabalho. Seu serviço era equilibrar-se em uma corda que estava acima da multidão, amarrada de uma torre a outra. Só que o trágico aconteceu, pois saiu de uma das torres outro folião multicolor que, com insultos, fez com que o funâmbulo, perdesse sua concentração e caísse rapidamente ao chão, causando alvoroço e fazendo com que todos fugissem, salvo Zaratustra:

Zaratustra, porém, ficou parado, e foi mesmo ao lado dele que o corpo caiu, maltratado e desfeito, mas ainda não morto. Passado um momento, o homem despedaçado recuperou a consciência e viu Zaratustra ajoelhado junto de si. Que fazes tu aí? Disse ele, por fim. Eu sabia, há muito, que o Diabo me faria uma rasteira. Agora, vai arrastar-me para o Inferno. (NIETZSCHE, 1998, p. 20).

Esse fato acontecido com o Funâmbulo elucidava melhor a proposta de Zaratustra. O funâmbulo era crente em Deus. Entretanto, como sua consciência o acusava de ser um pecador, pensou que Zaratustra fosse o próprio diabo, pelo fato de ter caído próximo dele. Como é sabido, no Cristianismo existe uma dualidade entre o Bem e o Mal e, no caso do funâmbulo, por ser um pecador, estaria ele em estado de Mal. Por esse motivo o diabo, que representa esse Mal no Cristianismo, estaria ali para ajustar as contas, levando-o para o inferno para que sua alma queimasse eternamente. É claro que Zaratustra, por ser cético, diz ao funâmbulo que não é o diabo nem o salvador, pois não acreditava na existência de ambos: “[...] tudo isso de que tu falas não existe: não há Diabo nem Inferno. A tua alma morrerá ainda mais depressa do que o teu corpo: agora, não temas mais nada.” (NIETZSCHE, 1998, p. 21). Assim falou Zaratustra ao funâmbulo.

O funâmbulo acata essas palavras, repensando-se como um ser que não se determina pelas normas da religião, mas apenas pelas condições que a vida lhe impôs, chegando a menosprezar sua condição humana. Zaratustra então interfere, fazendo-o entender que ele fez do perigo sua profissão e que isso era importante, não tendo, portanto, com

o que se preocupar, pois morria como um verdadeiro espírito livre. Tanto que o profeta se propõe a enterrá-lo como recompensa, ao que o moribundo aquiesce.

[...] veio o crepúsculo e a praça ocultou-se na escuridão; então, o povo dispersou-se, pois até a curiosidade e o susto se cansam. Zaratustra, porém, ficou sentado no chão, ao lado do morto, e mergulhado em pensamentos: assim se esqueceu do tempo. Mas, por fim, caiu a noite e um vento frio soprou sobre o solitário. Então, Zaratustra levantou-se e disse no íntimo: Na verdade, Zaratustra fez hoje uma bela pescaria! Não apanhou um homem, mas sim um cadáver. (NIETZSCHE, 1998, p. 21).

Há clareza que Zaratustra somente considera o valor da vida humana desligado dos valores que ele vê como decadentes, como a crença em um Deus determinante dos caminhos a serem seguidos na busca da verdade e da felicidade, muito embora, sarcasticamente se valha da linguagem bíblica. A vida não pode estar atrelada a essa ideia que ele considera como obscura e desprovida de sentido. A vinda do *Übermensch* seria, então, como uma luz de sabedoria, que por sua vez, propiciaria a ruptura com esses valores que tanto mal causariam à humanidade, por propiciar-lhe um mundo imaginário, irreal e sem sentido (COPLESTON, 1958).

Apesar de não ter sido ouvido pelo povo, como era sua intenção, Zaratustra considera que seus ensinamentos ainda valerão para alguma coisa. Em virtude dessa sua convicção, agora que possui um cadáver ele se imagina melhor entendido e respeitado, ainda que apenas pelo morto. Assim, Zaratustra faz questão de enterrar o seu amigo defunto depois de ter-lhe anunciado a não existência de um Deus cristão. Zaratustra segue, então, viagem com o defunto às costas. Porém, antes que saísse da cidade que abrigava aquele que causou a morte do funâmbulo, o insultou e ameaçou o Profeta:

A tua sorte foi que se riram de ti; e, na verdade, falaste como um charlatão. A tua sorte foi que te juntaste a esse cão morto; ao rebaixares-te tanto, salvaste-te a ti próprio por hoje. Mas afasta-te desta cidade – ou, amanhã, salto eu por cima de ti – um vivo passando por cima dum morto. (NIETZSCHE, 1998, p. 22).

Esse palhaço ameaçador deve ser entendido como aquele que se apresenta de maneira gloriosa, ou seja, como se fosse a única verdade, o único bem, o *suprassumo* do bem, a tristeza disfarçada de alegria, a morte disfarçada de vida. Encarna ele, certamente, os valores de um mundo ideal, platônico e cristão, portanto, decadente (COPLESTON, 1958).

Isso não foi tudo, antes de sair daquela cidade ingrata, Zaratustra, ao passar pela porta da cidade, sofreu também, agressão dos coveiros, ao debocharem de maneira grotesca do anunciador, dizendo: “Zaratustra leva daqui o cão morto: ainda bem que Zaratustra se fez coveiro: Pois as nossas mãos são demasiado limpas para essa prenda.” (NIETZSCHE, 1998, p. 22-23). Esses coveiros caçadores parecem, em verdade, assemelhar-se aos cristãos, por não serem eles homens de ação, por terem dado graças a Zaratustra ao livrá-los de seu serviço. Não queriam enterrar um pecador, por se considerarem puros demais aos olhos de Deus (COPLESTON, 1958).

Finalmente, consegue Zaratustra sair da cidade, com muita fome, por não ter tido tempo de se alimentar. Para sua sorte, após certo tempo de caminhada, avistou uma pequena casa à sua frente e nela parou. Fez barulho, para que o proprietário o visse, o que assim sucedeu. Este, ao acordar, o atendeu e lhe ofereceu pão e vinho, para os dois comerem, sem nada perguntar a respeito do cadáver, que o profeta afirmava levar (NIETZSCHE, 1998). Esse velho, que lhe servira pão e vinho,<sup>3</sup> simboliza o alimento sagrado dos cristãos, que como o próprio velho afirma, é fraco e demasiado pobre, em decorrência de a região ser seca. Assim é, para Nietzsche, a presença do Cristianismo na cultura, fazendo tudo se transformar em pobreza, em fraqueza, em falso moralismo (ZILLES, 1991).

### 3 CONCLUSÃO

Para Nietzsche (1995, p. 51), o caminho de transformação da cultura decadente para uma cultura autêntica é perspectivado na obra *Ecce Homo* quando apresenta o conceito de *Amor fati* como a fórmula para a grandeza do ser humano: “[...] nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade.” Ou seja, é para esses

espíritos de rebanhos amarem a terra, a vida, e não ficarem presos a uma metafísica decadente, como o é a metafísica platônica, que mais tarde tomou vestes cristãs. Nietzsche parece colocar a vida acima de qualquer coisa, a vida na diversidade.

Na perspectiva de Nietzsche, os que são espíritos livres têm em mãos a possibilidade de se transformarem no *Übermensch* quando descobrirem que a vida é o bem mais precioso e assim concluirão que o *Amor fati* é fruto dessa descoberta. Em seus fragmentos póstumos, publicados na obra *História da Filosofia Contemporânea*, sugere pensar sobre o conceito de *Amor fati* “[...] quero aprender cada vez mais: a considerar como é belo o que é inevitável nas coisas, assim me tornarei um daqueles que tornam bela a vida. *Amor fati*: seja este, de agora em diante, o meu amor!” (VANNI, 2001, p. 288).

Pelas palavras de Nietzsche, a proposta de seu novo conceito de amor é definida como um amor desinteressado, por isso, adere ao fluxo do devir afirmando a vida, enquanto o amor pregado pelos cristãos é contrário porque diz não à vida e, além disso, deseja o amado como se fosse um objeto de posse. Além disso, o *Amor fati* contribui na transformação do ser humano para a vinda do *Übermensch*.

O *Übermensch* de Nietzsche é perspectivado como possibilidade de constituir uma nova aurora aos espíritos livres. Será ele, possivelmente, parte de uma nova história, de uma nova perspectiva de vida, de uma nova concepção cultural. Por conseguinte, essa nova cultura será despreendida das correntes de todo pensamento dogmático e religioso que vive a não autenticidade do ser em uma perspectiva decadente e niilista. Cabendo, então, sem dúvida, chamar as pessoas com toda a seriedade, de espíritos de curso livre, pois elas sentem o caminho até a liberdade como o impulso mais forte do espírito; eis, então, a aurora do existir de seres autênticos.

### *Educational dialogues in zarathustra nietzshiano*

#### *Abstract*

*The article is a reflection, obviously incomplete, about the diagnosis pointed in the writings of Nietzsche related to the decadent culture. Putting well, as a staunch critic to that culture, to the point of considering it nihilistic. This is a study of bibliographical feature, in order to reflect beyond the scathing criticism given by the philosopher of Sils – Maria to the decadent culture. But also, perspective as possibility to this nihilistic condition, an education of free spirits, to constrict themselves on the over-man-on *Übermensch*. Then, it is concluded, that the saga of the *Übermensch* arises in the work *Thus spoke Zarathustra* (1998), especially in the prologue, because it is by the mouth of Zarathustra that Nietzsche professes his sharpest criticism to the culture in decay, but also presents educational dialogues in the constitution of the authentic himself.*

*Keywords: Culture. Education. Nietzsche. *Übermensch*.*

Notas explicativas:

<sup>1</sup> Dada a preocupação com o campo conceitual, optou-se por preservar o termo *Übermensch* no original em alemão, pois sua tradução para o português causaria um esvaziamento semântico, com a versão para *Super-Homem*. Em alemão essa palavra divide-se em dois termos; *Über*, que significa, *sobre, além de*, e *Mensch*, significando *Ser humano*. Em português, não nos soaria bem traduzir a palavra alemã por sobre-humano ou supra-humano, restando apenas a tradução para super-homem ou além-do-homem, também inadequadas, pois apontam para uma concepção de heroísmo.

<sup>2</sup> Na perspectiva de Nietzsche, o conceito *querer* diz respeito a uma pluralidade de sensações, inclusive as que se referem ao pensar, as quais fazem parte da vontade dos seres animados. Estes, por meio dessa vontade, querem de qualquer maneira dominar; mesmo o escravo tem em si a vontade de dominação. Porém o que é-nos inovador nesta maneira de filosofar refere-se ao conceito do pensar, que em boa parte da história da filosofia é posto em primeiro lugar, como o dominador de todas as multiplicidades de representação da vida. Ao pensarmos com Nietzsche (2005,p.

23), descobre-se que esse conceito não passa de um modo de ser e proceder entre outros que são utilizados pelos seres orgânicos e inorgânicos de maneira geral, aqueles que deixam fluir a força vital.

<sup>3</sup> Em relação aos alimentos que simbolizam o sagrado para os cristãos, Nietzsche (1995, p. 37) descreve que se ele crer no vinho como bebida que alegra, teria de ser ele cristão, isto é, crer no que para ele seria justamente o absurdo.

## REFERÊNCIAS

COPLESTON, F. **Nietzsche**: filósofo da cultura. Tradução Eduardo Pinheiro. 2. ed. Porto: Tavares Martins, 1958. (Coleção Filosofia e Religião).

LEBRUN, G. **Passeio ao léu**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MOURA, C. **Civilização e cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, F. **A Gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D' Água, 1998.

\_\_\_\_\_. **Aurora**. Tradução Rui Magalhães. Porto: RÉ, 1983.

\_\_\_\_\_. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. Tradução Paulo César Souza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Kritische gesamttausgabe werke**. Nachberichts-Band zu *Also sprach Zarathustra*. Herausgegeben. ML.Haase und M. Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1991.

VANNI, S. **História da filosofia contemporânea**. Tradução Ana Pareschi Capovilla. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

ZILLES, U. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 1991. (Coleção Filosofia).